

PAULO FREIRE E AS QUESTÕES DO NOSSO TEMPO: RECORTE PARA UMA REFLEXÃO

Josélia Gomes Neves¹

RESUMO: A partir das concepções de Paulo Freire, somada a de intelectuais como Otávio Ianni, Anthony Giddens, Milton Santos e David Harvey, este artigo discute a atual situação da sociedade moderna a luz de teorias que dão conta de nos mostrar um panorama geral do processo em andamento nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVES: Sociedade; Globalização; Modernidade; Educação; Pedagogia.

ABSTRACT: Starting from Paulo Freire's conceptions, added her/it of intellectuals like Otávio Ianni, Anthony Giddens, Milton Santos and David Harvey, this article discusses the current situation of the modern society the light of theories that you/they give bill of showing us in process a general panorama of the process in the current days.

KEYWORD: Society; Globalização; Modernity; Education; Pedagogy.

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para a transformar. (...) Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna; (...) Isto é verdade se refere às forças da natureza (...) isto também é assim nas forças sociais(...). A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer. (Paulo Freire. 1977, p. 48).

Paulo Freire foi reconhecidamente um intelectual aberto às transformações do nosso tempo; um estudioso em busca de interpretações emancipadoras de uma nova reorganização do protesto e das mudanças neste final de século. Em 1962

¹ Aluna do Curso de Mestrado Institucional em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente PGDRA/UNIR.

desenvolveu em Angicos/Rio Grande do Norte, um programa de alfabetização que ajudou 300 trabalhadores rurais a ler e escrever em 45 dias. O significado da leitura e da escrita estavam intimamente ligados as experiências vividas dos camponeses, o que resultou num processo de luta ideológica e práxis revolucionária - a conscientização. A partir de então, estes trabalhadores eram capazes de transformar sua "*cultura de silêncio*" por uma outra de transformação social e política.

Em 1963 foi convidado pelo governo João Goulart para rever e propor um programa de alfabetização de jovens e adultos para o país; entretanto, em função do golpe militar, os vinte mil círculos de cultura previstos para atender aos dois milhões de trabalhadores analfabetos, nunca chegaram a funcionar.

Paulo Freire foi acusado pela ditadura de defender o comunismo. Os militares brasileiros o consideravam "*um subversivo internacional*", "*um traidor de Cristo e do povo brasileiro*", e o acusavam ainda, de desenvolver uma "*proposta pedagógica semelhante a de Stálin, Hitler, Perón e Mussolini*." (Gadotti, 1994).

Passou dezesseis anos no exílio. Neste período desenvolveu projetos em vários países, como Chile, Genebra, Tanzânia, Guiné Bissau, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Peru, Nicarágua, São Tomé e Príncipe, Austrália, Itália e Angola, dentre outros.

Retornou ao Brasil em 1980 pra lecionar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Universidade de Campinas. Acompanhou de perto os movimentos a favor da redemocratização do país, particularmente os do ABC paulista, ocasião em que participou da fundação do Partido dos Trabalhadores.

Em 1989, foi nomeado pela prefeita de São Paulo, Luíza Erundina do PT, para o cargo de Secretário Municipal de Educação. Em sua gestão, destacou-se o programa de alfabetização de jovens e adultos, o MOVA - uma aliança entre a sociedade civil e o estado e o programa de Reorientação Curricular - uma revisão crítica aos conteúdos pedagógicos.

Em sua trajetória de vida, produziu diversas obras, as quais destacamos: Educação como Prática de Liberdade (1967), Ação Cultural para a Liberdade (1968), Pedagogia do Oprimido (1970), A Educação na cidade (1991), Pedagogia da Esperança (1992), Política e Educação (1993), Pedagogia da Autonomia (1997) e o livro póstumo, Pedagogia de Indignação - Cartas Pedagógicas e Outros Escritos (2000).

Esteve em Rondônia, por ocasião do aniversário dos quinze anos da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, em 14 de março de 1997. Em 02 de maio, deste mesmo ano, faleceu em decorrência de problemas cardiovasculares, em São Paulo.

Um olhar para a modernidade.

*E a cigana analfabeta, lê as mãos de Paulo Freire.
Elisa Lucinda*

Paulo Freire, em toda sua existência, sempre procurou compreender o processo educativo no âmbito da sociedade; para ele a educação nunca poderia ser analisada de forma abstrata, mas sempre levando em consideração a força dos condicionantes sociais. Mesmo porque a educação oficial diz respeito a uma forma de integração dos indivíduos às estruturas sóciopolíticas para a sua manutenção.

Nesta perspectiva, a educação numa sociedade de classes, tem por função a legitimação do *status quo*, uma vez que é a principal agência formadora, responsável pelo processo permanente de socialização do indivíduo no contexto social.

Em sua experiência como educador, Paulo Freire constatou a "*teoria da consciência opressora*", daí a denúncia de sua intencionalidade, seus propósitos enquanto ideologia dominante, conforme registra em *Pedagogia do Oprimido*:

A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado no mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente nos homens (1975, p. 81).

A partir desta visão que vinculava educação e sociedade, Paulo Freire entendia que do ponto de vista histórico, o ser humano em sua vocação ontológica (deixando claro que esta palavra, neste texto, não quer dizer algo relativo à sina) de *ser mais*, daí a necessidade do seu envolvimento no domínio político, no sentido de permanentemente refazer as estruturas sociais e econômicas que produzem as ideologias.

Mesmo sendo consciente de seu inacabamento, como no dizer de Paulo Freire, um ser inconcluso, em função disso mesmo, o ser humano, constitui-se num sujeito de esperanças em busca de algo - a educação emancipadora - aquela que significa uma alternativa de intervenção no mundo. Esse processo não será fácil, se levarmos em conta os obstáculos e limitações existentes, entre elas, por exemplo, a decretação do fim da História.

Esta leitura, do contexto mundial, apontada pelo educador, demonstra o seu modo de ver a História como espaço próprio do que o fazer humano, como tempo do possível e não de algo pré-dado, que limita a ação de homens e mulheres, em função das explicações atuais, como se acontecesse à sua revelia, o que acaba por resultar num imobilismo desagregador.

Paulo Freire nega esta "camisa de força", nega portanto, que a existência humana seja pré-determinada, quando afirma convicto a "*História como tempo de possibilidade e não de determinismo; o futuro como problemático e não inexorável.*" (1996, p.21).

Embora Paulo Freire admita os condicionantes sociais, não descarta a possibilidade das mudanças a partir do interesse das maiorias, como ele mesmo reforça:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (1996, p. 60).

O educador advoga a postura do indivíduo progressista "*criticamente esperançoso*" e atribui a fatos da modernidade como a globalização, uma forma que ele chama de "desproblematização do futuro" já que reduz a compreensão histórica, através do discurso fatalista neo-liberal como algo posto, que procura convencer as pessoas de que esta realidade é natural.

Condena, portanto, a naturalização da globalização da economia, advertindo que trata-se de mais uma construção humana, muito embora venha de uma "orientação política ditada pelos interesses dos que detém o poder", classificando-a como uma reedição da "*medonha malvadez*" própria do capitalismo, como afirma:

O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo

globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca. (1996, p. 144).

Sobre esta temática, situamos o sociólogo Anthony Giddens que se refere à modernidade como "um estilo de vida ou uma organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII." (1991, p.11).

Neste sentido, podemos compreendê-la como resultado dos avanços do Iluminismo, onde a lei divina é substituída pela certeza da observação empírica, cuja característica principal, centra-se na concepção do ser humano enquanto sujeito da história. Referenda esta afirmação, Harvey (1999), ao afirmar que o movimento iluminista, encantado com as possibilidades representadas pela razão, previa que "o domínio científico da natureza prometia liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais". Portanto, avaliamos, que nesta perspectiva, a razão era vista como a capacidade humana de melhorar o mundo, levando em conta as descobertas da ciência e da técnica - o progresso representa a grande expectativa da humanidade. (p. 23).

Em função deste culto a razão, a modernidade produziu os grandes relatos e as mega-narrativas que pretendiam orientar a história, como a democracia liberal e a teoria marxista. Acontece que o reino da razão, que defendia o máximo de eficácia, desembocou em governos totalitários, intolerantes com a dissidência, onde o interesse do sistema está acima dos interesses do indivíduo.

Fatos como a corrida armamentícia, o holocausto, a degradação ambiental, os Estados totalitários, as diferenças Norte/Sul, a colonização cultural, a opressão das minorias étnicas, entre outros, podem ser entendidos como os resultados diretos do que se identificou como razão instrumental.

Utilizamos, para ilustração da degradação ambiental, aquela situação, onde um empresário prefere pagar sucessivas multas em função da contaminação provocada por sua empresa, do que investir na modificação da produção, com vistas a melhoria das condições ambientais, já que imagina que tal ação significa um custo elevado.

Este quadro pode demonstrar a crise que vem atravessando a modernidade, o que acaba por gerar respostas desde aquelas baseadas na superação dos seus princípios e que desautorizam o papel do sujeito para promover estratégias de mudanças, como aquelas, que buscam soluções no interior da própria modernidade e que confiam na ação do sujeito para mudar a história.

Diante disso, o pensamento pós-moderno representa uma reação aos princípios iluministas da modernidade, ao reinado da razão e ao sentido único da história. Lyotard³ citado por Harvey (1999), entende a pós-modernidade como um "deslocamento das tentativas de fundamentar' a epistemologia e a fé no progresso planejado pela humanidade", já que esta possibilita várias formas de conhecimento e, por isso mesmo, a ciência não se constitui como verdade última. Acontece que para Giddens (1991) ainda não chegamos neste estágio, identificado como pós-modernidade. Entretanto, este autor, analisa a crise atual, como desdobramentos da própria modernidade, e assim, rejeita a visão de que estamos entrando num novo período histórico, identificando a realidade de hoje, como *descontinuidades*.

Verificamos que tanto Anthony Giddens como Paulo Freire, negam a posição imobilista de homens e mulheres diante dos fatos relativos à dita morte da História, como se agora, diante de tanta complexidade e problemas, nada mais nos restasse a fazer, senão olhar a situação e lamentar. A esse respeito ambos, são enfáticos ao afirmar que:

Seguramente precisamos de algo bem mais concreto e prático do que a resposta pós-modernista, que simplesmente cruza os braços diante do colapso do comunismo e das frustrações da modernidade. Dizer que o mundo escapou do nosso controle, que nada podemos fazer, que entrou numa espécie de Idade Média e que só nos resta sorrir e ser irônicos, como quer o pós-modernismo, é no mínimo, insensato. Há coisas que não só se pode como se deve fazer tanto no plano intelectual quanto prático. (Giddens, 1998, p. 123).

Não posso aceitar calado e 'bem-comportado' que um bilhão de desempregados com quem o século se encerra sejam considerados uma pura fatalidade deste momento. Nenhuma realidade social, histórica, econômica é assim porque está escrito que assim seja. (Freire, 2000, p.115).

O colapso do socialismo real ou o colapso da modernidade(?)

**Daí porém, dizer-se que estamos vivendo outra história, em que as classes sociais estão desaparecendo e, com elas os seus conflitos; que o socialismo se pulverizou nos escombros do muro de Berlim é algo em que eu, pelo menos, não acredito.
Paulo Freire**

Quando aconteceu a queda do socialismo na Rússia, vários cientistas sociais e políticos de plantão, anteciparam-se para entregar o troféu de vencedor ao sistema capitalista. Para as pessoas que acreditavam num projeto maior de dignidade para

³ Jean-François Lyotard, *The Post-Modern Condition* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1985)

todos, este fato representou um duro golpe, e até por um determinado período, a esquerda ficou atônita, sem respostas, não tinha o que dizer. E parecia que mais uma vez estávamos reeditando e vivendo a famosa frase dos Beatles, quando da separação do famoso quarteto, "o sonho acabou"...

Este silêncio foi devidamente "capitalizado" pelas forças conservadoras, que trataram de celebrar a sua suposta vitória. Mas, aos poucos fomos nos recompondo e percebendo a vitória de Pirro do capitalismo; fazemos coro com Darcy Ribeiro, quando sabiamente avaliou: "perdi todas as batalhas da minha vida, mas não gostaria de estar no lugar dos vencedores!".

Paulo Freire e Robert Kurz, produziram questionamentos a esse respeito; o que foi de fundamental importância para contribuir na avaliação do que este acontecimento efetivamente representou para quem acreditava na utopia, bem como as lições da experiência do socialismo real.

Paulo Freire (1992), através da Pedagogia da Esperança, lançou o seu manifesto ao mundo, a despeito de todos estes acontecimentos que para ele nada mais eram, do que a vontade do sistema capitalista de "matar os sonhos e a utopia", reafirmou a esperança, como ele mesmo disse "não por pura teimosia, mais por um imperativo existencial e histórico".

Sobre o colapso do socialismo real, nega que este fato signifique o fim das utopias, combatendo veemente o discurso que se auto intitulou vencedor; questionando a 'vitória' do capitalismo e perguntando de forma incisiva:

Que excelência é essa que consegue conviver com mais de um bilhão de habitantes no mundo em desenvolvimento que vivem na miséria? Que excelência é essa, que dorme em paz com a presença de um sem-número de homens e mulheres cujo lar é a rua, e deles e delas ainda se diz que é a culpa de na rua estarem? Que excelência é essa que não se comove com o extermínio de meninos e meninas nos grandes centros urbanos brasileiros; que 'proíbe' que 8 milhões de crianças populares se escolarizem, que 'expulsa' das escolas grande parte das que conseguem entra

r e chama a tudo isso 'modernidade capitalista?'(1992, 94).

Paulo Freire (1992), deixa claro que esta experiência, constitui-se em uma oportunidade de se continuar sonhando e lutando pelo sonho socialista; para ele o que foi ruim nesta questão e, que por isso mesmo precisa ser eliminado foram as 'distorções autoritárias, os des-gostos totalitários e a cegueira sectária' o que ao seu ver, justifica a 'luta democrática contra a malvadez do capitalismo'.

Para Robert Kurz (1992), o fim do socialismo real, entendido por muitos como a afirmação do capitalismo e o fracasso da teoria marxista, é interpretado de forma bastante inusitada. Significa o começo da crise do próprio capitalismo, conforme a contextualização feita pelo autor ao considerar o fato, não de forma isolada, mas articulada a uma questão maior: a modernidade. Sobre esta polêmica questão, Kurz, relata que:

Os protagonistas da constelação até então existente da sociedade mundial, ao desaparecer esta, revelam-se não apenas, em ambas as margens do rio Elba, como meras vítimas de um desenvolvimento histórico evidentemente cego e objetivado que se deu atrás de suas costas. Pois o Ocidente foi tão surpreendido pelo colapso do sistema socialista real, seu inimigo íntimo, quanto os representantes gerontocráticos deste. É um estranho vencedor aquele que tanto se surpreende com sua superioridade e os resultados de seu triunfo (1992, 18).

O referido autor, indaga ainda, "se não foi na verdade deflagrada, com a crise particular do sistema perdedor, uma crise global que também ameaça o pretense vencedor e indica a existência de fundamentos comuns dos sistemas que poderiam servir de base para uma metacrítica".

Por estas leituras analisamos que tanto Paulo Freire como Robert Kurz constroem uma leitura crítica acerca do que significou o colapso socialista, demonstrando uma interpretação lúcida de um fato polêmico e multifacetado.

Globalização da economia, da miséria e por que não da solidariedade(?)

**A prática político-pedagógica dos educadores progressistas ocorre numa sociedade desafiada pela globalização da economia, pela fome, pela pobreza, pela tradicionalidade, pela modernidade e até pós-modernidade, pelo autoritarismo, pela democracia, pela violência, pela impunidade pelo cinismo, pela apatia, pela desesperança, mas também pela esperança.
Paulo Freire**

A globalização, na visão de muitos estudiosos, não se trata de produção de final de século; o caso é que há mais visibilidade hoje de suas manifestações. O que caracteriza a sua negatividade é determinado pelas relações sociais de classe, já que esta, busca recompor possíveis perdas do capital em contraposição, obviamente às conquistas dos trabalhadores.

Embora se mostre neutra, a globalização tem uma função ideológica na medida em que procura mascarar a dominação por parte do capitalismo e assim em seu movimento aumentar o desemprego e conseqüentemente a exclusão social.

Paulo Freire, com seu olhar aguçado e crítico denuncia que uma das características implícitas da globalização, é justamente alienar e convencer os indivíduos de sua impotência - vendendo a idéia de que nada se pode fazer no sentido de alterar esta realidade atual.

Para ele, a globalização além de fortalecer a idéia imobilista, também reforça o poder de mando das minorias, as que de fato participam deste grande jogo. O educador recusa o fatalismo imposto pela globalização e reforça a opção pela rebeldia - enfatizando que o ser humano é maior que os mecanismos que procuram reduzi-lo.

Nesta perspectivas pessimistas, que leva à globalização, a morte da história, sendo também a morte das utopias, portanto justifica-se a luta por uma prática pedagógica humanizante. Paulo Freire, entende que o discurso do fim da História, leva as pessoas a eternizar as perversidades do hoje, já que não há amanhã diferente nem tampouco possibilidades de mudança.

Paulo Freire adverte, que não devemos acreditar no fim das ideologias porque faz parte deste discurso a ocultação da verdade dos fatos que ao seu ver opacizam a mente das pessoas ou como ele mesmo diz através das metáforas, "*penumbra a realidade*"- uma lição triste onde a presença humana na realidade histórico social limita-se à pura adaptação.

Mas, como ele é o educador da esperança, da mesma forma que propaga isso ao mundo, também propõe e vislumbra que este mal-estar causado pela globalização "terminará por consolidar-se numa rebeldia nova em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação de homens e mulheres e o anúncio de um mundo 'gentificado' serão armas de incalculável alcance". (1996, p.145).

De forma bastante clara Paulo Freire afirma que o fundamental numa determinada teoria de transformação política e social, é aquela que parte da compreensão que o mais importante são as pessoas, "seres fazedores da História e por ela feitos também, seres da decisão, da ruptura e da opção". O que não é o caso da liberdade do comércio, que nos valores da globalização, se coloca acima da

liberdade do ser humano; neste sentido, Paulo Freire entende que a "*liberdade do comércio sem limite é licenciosidade*".

O geógrafo Milton Santos, um intelectual atento a estas manifestações, em seu livro - Por uma outra globalização (2000) -, enfatiza que mais do que nunca a ideologia se faz presente na globalização; leva em conta nas suas análises o papel dos pobres neste processo, na compreensão de que esta não é irreversível, pelo contrário, pode significar o início da história humana - proposto na idéia de uma *outra globalização*.

Paulo Freire, vê como uma das formas de perversidade da globalização, o progresso científico e tecnológico; demonstra também que este não responde aos interesses humanos, em função disso, no olhar do autor, compromete sua significação. A esse respeito, Paulo Freire acrescenta ainda que "a um avanço tecnológico que ameaça a milhares de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior (1996, pp. 147).

Já a obra de Otavio Ianni, Teorias da Globalização (1999), trata mais de sistematizar, a partir das contribuições de vários estudiosos do assunto, o processo da globalização, do que em emitir uma opinião crítica a respeito. Daí, que observaremos apenas a definição que ele utiliza para o que identifica por metáfora da globalização: a aldeia global.

Para este autor, a humanidade sempre fez uso das metáforas, como uma estratégia de que, através das imagens, é estabelecida uma forma de comunicação. O termo aldeia global, sugere a idéia de que o mundo transformou-se em uma só comunidade. Sobre a questão, assinala que "Em pouco tempo, as províncias, nações, regiões, bem como culturas e civilizações, são atravessadas e articuladas pelos sistemas de informação, comunicação e fabulação agilizados pela eletrônica. (1999, p.16).

Entretanto, Milton Santos, apresenta uma interpretação bem diferente acerca do significado da aldeia global; para ele, o que há é uma intenção explícita de se difundir a idéia que na aldeia global acontece a "difusão instantânea de notícias e que realmente esta informa as pessoas".

Acontece que "ao contrário do que se dá nas verdadeiras aldeias, é freqüentemente mais fácil comunicar com quem está longe do que com o vizinho. Quando esta comunicação se faz, na realidade, ela se dá com a intermediação dos

objetos." (p.41). Portanto, "a informação sobre o que acontece não vem da interação entre as pessoas, mas do que é veiculado pela mídia, uma interpretação interessada, senão interesseira dos fatos".(p.41).

Refletir sobre as questões do nosso tempo - a modernidade, a pós-modernidade, o colapso do socialismo real e a globalização - através das leituras e contribuições dos autores aqui apresentadas, é fundamental para compreendermos e assim contrapormos ao discurso imobilista que nos reduz a objetos no mundo.

Particularmente Paulo Freire e Milton Santos, que neste trabalho - como num grande encontro a favor da humanidade - demonstram que é possível defendermos valores como a cidadania e a solidariedade, insistindo no sonho por dignidade para todos; nos apropriamos das palavras de Paulo Freire para reiterarmos a certeza de que a nossa "passagem pelo mundo não é pré-determinada, preestabelecida. Que o 'destino' não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não podemos nos eximir". (1996, p.58) E, fazemos nossas as palavras de esperança de Milton Santos "a elaboração de um novo ethos e de novas ideologias e novas crenças políticas, amparadas na ressurreição da idéia e da prática da solidariedade". (2000, p.168).

Bibliografia

- CD Paulo Freire. *O andarilho da Utopia*. IPF, São Paulo 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *A mensagem de Paulo Freire: textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP*. São Paulo, Nova Crítica, 1977.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, Unesp, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo, Unesp, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Entrevista a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 1998
- GADOTTI, Moacir. *Convite a Leitura de Paulo Freire*. São Paulo, Scipione, 1994.
- LUCINDA, Elisa. *O semelhante*. São Paulo, Massao Ohno, 1994.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Loyola, 1999.

KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

MELO, Tiago. *Faz escuro mas eu canto, porque a manhã vai chegar*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Record, 2000.